

PANELES

CIMBRA

D. Timoteo A. Anastacio

Bahía - Brasil

“Somos amigos, mas não somos capazes de dizer o que é a amizade”, já dizia Platão no seu *Lysis*. Continuamos na mesma incapacidade depois de tantos séculos. Mas, no entanto, a amizade sempre despontou como uma flor imprevisível em pleno deserto da vida. E a história monástica é cheia de seu perfume e de seu elogio.

Mas o preconceito dualista, e, modernamente, jansenista, num clima mental de individualismo ou numa espiritualidade demais vertical, não deixaram de tornar suspeita a amizade dos monges e religiosos. E inspiraram, até mesmo depois de Concílio, documentos eclesiais que reduzem de tal modo a subjetividade interpessoal, própria da verdadeira amizade que ela não passaria de mera ajuda mútua, ou simples relação jurídica.

Mesmo na atual preocupação reinante em comunidades monásticas, ainda não se conseguiu sempre distinguir a relação amical daquilo que deve constituir o seu terreno nativo, a sua seiva espiritual, a sua inspiração poderosa, isto é, a caridade fraterna de base.

Eu diria que a amizade é a flor, ou melhor, o fruto da caridade, mas dela se distingue (como o fruto se distingue da árvore) porque a caridade é um mandamento e a amizade é aquele “mais” gratuito e imprevisível da plenitude do amor. E nela e por ela que a caridade se abre espontaneamente em benevolência (bem querer o outro por ele mesmo), igualdade, com o máximo de alteridade pessoal, reciprocidade da comunicação interpessoal e, finalmente, comunhão (*koinonia*) de vida, isto numa dinâmica diversa da relação sexual, da qual a amizade se distingue, mas, ao mesmo tempo, se integrando nela.

Ela é, portanto, a máxima realização da vida cenobítica e do celibato monástico, tanto *ad intra* como também *ad extra* nas amizades também hetero-sexuais dos monges e monjas.

* * *

Fizemos três perguntas.

Aqui a síntese das respectivas respostas dadas por 20 comunidades, na maioria femininas, do Brasil.

1 - A Amizade não é ainda um tema na formação. Mas hoje é evidente a mudança em relação ao antigo pavor da famosa “a. particular”. Todas sentem a necessidade urgente de criar um ambiente menos formalista, apropriado as relações inter-pessoais e, portanto, propício ao desabrochar e ao desenvolvimento da flor espontânea e pura da Amizade.

2 - Experiência concreta

a) *ad intra*

As manifestações se dão conforme os acontecimentos alegres ou tristes, acompanhados com carinho e interesse.

Pela ajuda mútua. Pelas iniciativas gratuitas. Nas discussões comunitárias onde domina a franqueza e o respeito. Pela ocorrência de encontros informais, passeios e conversas a dois.

Revisões da vida em pequenos grupos ou celebrações penitenciais, tentando superar a desconfiança e a timidez as diferenças de temperamento idade, mentalidade.

Riscos: formação de grupos “exclusivos” que cindem a comunidade. Dependência imatura, dominação. Compensação afetiva desequilibrada.

Efeitos na comunidade? compreensão mútua, indulgência e tolerância.

Nota-se que, crescendo a amizade entre as pessoas, facilita-se a renovação da estrutura.

b) *ad extra*

Verifica-se o fato, e é considerado não só legítimo, mas também necessário para evitar que a comunidade se isole num “esplendido isolamento”, narcisismo coletivo e alienante tanto em relação à sociedade global como à sociedade eclesial.

A amizade *ad extra* inclui também amizades hetero-sexuais.

Embora ainda predominem os receios -alias não ilusórios- de formas deterioradas, começa-se a reconhecer a importância da amizade hetero-sexual, como expressai da complementaridade homem e mulher. Havendo, neste plano, a necessária formação de uma sexualidade madura e sadia.

Nem sempre as comunidades aceitam os irmãos ou irmãs nessa situação, vistos e julgados com suspeita e malevolencia.

Mas, por outro lado, começa-se a reconhecer a importância desse tipo de amizade para desenvolver as riquezas do próprio celibato consagrado.

Além disto, salienta-se a sua importância para projetar fora a riqueza espiritual da Comunidade e trazer a esta uma visão mais humana e global da sociedade e da Igreja.

Ela só é um mal grande quando constitui uma desapropriação da força de amar da comunidade.

Em certas comunidades, aparece o papel da amizade com os pobres, como enriquecimento da comunidade pela experiência viva da gratuidade, do servir, da partilha, da integração entre a f é e a vida.

Amizade também com pessoas responsáveis da Igreja local, expressa em oração, participação, caminhada em comum, guardada a própria identidade.

3 - Como cultivar na comunidade o Bem da Amizade?

Salienta-se que é no clima geral de fraternidade, que se abre o espaço para surgimento espontâneo das afinidades que levam à amizade.

Não se ignora, também a importância do uso dos meios aptos para a educação para a maturidade e o desenvolvimento das relações humanas e também das atitudes humanas fundamentais, como a veracidade, a discrição, o auto-controle (disciplina).

Muitas comunidades experimentam o valor do canto e das festas em comum, para aproximar os irmãos (e irmãs) num clima de “ludus”.

Outras assinalam condições para o nascer da amizade: confiança, disponibilidade, vida comunitária menos rígida e mais espontânea, respeito e discrição, desenvolvimento das potências de acolhimento do outro em sua alteridade mesma.

CONO SUR

Cecilia Chemello, ocso.

Monasterio de la Madre de Cristo - Hinojo (B)

1. El título: no se comprendió bien si se tenía que hablar también de la formación en general o solamente del rol de la amistad en la formación. La mayoría lo entendió en este segundo sentido.

2. ¿Formación de los jóvenes o formación permanente?

Pocos se plantearon esta cuestión. La mayoría tiende a ver los dos aspectos en una línea de continuidad y bajo un mismo enfoque.

I. Experiencias o vivencias

Son muy pocas las experiencias o vivencias prácticas relatadas.

-En una comunidad se reconocen muchas y buenas amistades individuales a distintos grados de profundidad, que no evidencian ninguna polarización de personas. Sin embargo se desea una mayor apertura profunda a nivel comunitario. Las dificultades que se encuentran son de diversas causas:

- comunitarias, debidas a la anterior formación que limitaba la apertura al otro.
- personales, sea de origen psicológico o espiritual: resabios de infantilismo, inmadurez, ignorancia, vida espiritual débil, falta de ascesis, de verdadera oración. Lo más importante es crecer en la propia vida espiritual: olvidarse de sí para brindarse en todo tiempo desde una actitud de profunda acogida y libertad interior. La experiencia demuestra que esta acogida es especialmente importante con personas que no se sienten amadas por nadie, y sin el amor de alguien no pueden creer ser amados por Dios.
- Finalmente, una comunidad reconoce que, aunque el ambiente sea sentido por todos como apto para una vivencia de amistad, no siempre se da la misma profundidad o la misma expresividad. Sin embargo la experiencia actual o pasada de amistad entre miembros de la comunidad, hacen intuir qué contagiosas y provechosas son para la comunidad.

II. Principios generales - Convicciones básicas

-Uno de los puntos que han llamado la atención de nuestras comunidades es la necesidad de aclarar la palabra “amistad” y colocarla en su justo contexto. ¿En nuestras comunidades se puede hablar de amistad o más bien se trata de hermandad? ¿No es el amor cristiano un mandamiento para todos? Y si amistad implica gratuidad, espontaneidad, reciprocidad de conocimiento y afecto: ¿cómo es posible esto en el monasterio donde fue Dios que nos eligió, y no nosotros?

-Una comunidad habla de “fraternidad impuesta” -o determinada por la Regla- y trata de armonizarla con el otro aspecto de la “amistad espontánea” que, debido al clima actual de la comunidad, considera mucho más factible que en el pasado, y deseable, aunque no exenta de ascesis y sacrificio.

-Otra comunidad, por el contrario, considera el hecho de ser hermanos como la realidad más grande y más profunda de una comunidad de monjes. La amistad puede ser considerada sólo un complemento

no necesario y tal vez ambiguo por el hecho que se puede convertir la comunidad monástica en un buen grupo de amigos, parecido a un club de seglares. Considerada como meta inmediata de una comunidad, podría convertirse en una forma de violencia.

-Otra comunidad, al contrario, piensa que “amistad” dice hoy mucho más que “fraternidad”, considerando que se puede hablar de la una y de la otra no solamente para la relación entre dos personas, sino también para la relación entre el monje y la comunidad. Por el clima de calor y de apertura, unos encuentran en la comunidad el “amigo” que necesitan.

-En otra comunidad todavía se reconoce lo bueno de “vivir juntos ios hermanos unidos”, pero se afirma que este clima cálido y fraterno no debe ser confundido con la amistad interpersonal que es don de Dios y fruto de recíproca disponibilidad. Este clima cálido tiene que ser el lugar donde pueden y tienen que brotar amistades interpersonales que son riqueza no solamente para las personas interesadas, sino para toda la comunidad en su conjunto.

-Por fin una comunidad precisa cómo la palabra “fraternidad” no es propia a nuestra cultura, siendo más bien de importación europea (“suena a revolución francesa”...) mientras la palabra amistad sí. Lo interesante es que nuestro pueblo usa mucho la expresión “hermano” justamente en el sentido de “amigo”. Cabría preguntarse si la palabra “hermano” usada en la vida religiosa, y que sabe mucho de “institucionalizado” no podría ser recuperada a otro nivel. Ciertamente es que en nuestras comunidades monásticas, el valor de espontaneidad y libre elección que comúnmente se atribuye a la amistad se encuentra quizá integrado y transformado a un nivel más profundo del espíritu. La libre voluntad de cada uno se compromete en el amor de Cristo y de los hermanos a lo largo de toda una vida, acompañando, alentando, y así creciendo en afinidad e integración. Sin embargo en esta comunidad también se reconoce que “ser amigo” en sentido estricto es cosa rara y en la vida de pocos.

2. Un tema conectado con el anterior e igualmente sentido por la mayoría es el de la soledad y del silencio monástico. ¿Cómo se pueden armonizar estas características tan típicas, con la vivencia de la amistad?

Las Comunidades que han reflexionado sobre este punto llegan -quien más quien menos- a esta conclusión: que la soledad, carisma del monje, no se opone al amor ni obstaculiza la amistad. Pero sí le va a dar una tonalidad peculiar, porque esto implica un profundo respeto recíproco, una dimensión de libertad interior que reconoce al otro en su pertenencia a Dios. Tal respeto es especialmente necesario en los momentos de sinceridad o transparencia comunitaria. Nunca hay que violentar la interioridad de otros, y un cierto “nudismo espiritual” vivido a nivel de grupo es el medio más seguro para destruir, en lugar de alentar la amistad.

Significa además ser capaces de comunicar con “gestos de vida” -y no solamente con palabras- y de respaldar estos gestos con la entrega personal de toda la vida.

Si la soledad entonces es auténtica apertura a Dios, capacita al hombre para la comunión de la amistad, lo capacita para relaciones profundas en el doble aspecto de la universalidad y de la particularidad. Es aquí entonces donde se da una verdadera reconciliación entre la soledad y la comunión.

Hasta la misma separación o la muerte no pueden afectar una amistad verdadera porque esta marca y transforma a las personas para siempre. De hecho la amistad crece, se enriquece y se acrisola generalmente en el dolor.

3 El enfoque “cultural” del valor mismo de la amistad, como típico valor latinoamericano, ha sido planteado de manera explícita solamente por dos comunidades. Parece que las dos exposiciones en parte se complementan.

-Por una parte se considera que el hombre latinoamericano, en general es inclinado al valor de la amistad: es abierto, acogedor, hospitalario, generoso. Sin embargo parece que estas características se debilitan al contacto con una vida urbana individualista.

Por otra parte se afirma que no es en la tendencia al “compañerismo” en lo que podemos reconocer un valor típico latinoamericano. Esta facilidad de instaurar relaciones es más bien un rasgo de la juventud de hoy, a nivel internacional, y la superficialidad con que a menudo se acompaña demuestra el sentimiento de angustia y de inseguridad característicos de nuestra sociedad contemporánea.

Al contrario -fue dicho en esta comunidad- el hombre latinoamericano es amistoso pero parco. Comunica intensamente, pero desde una sobriedad de gestos significativos. Por esto el ambiente de la comunidad monástica es un ambiente privilegiado para la amistad silenciosa y honda, muy típica de nuestra gente, y para que se pueda así crecer humana y espiritualmente en el Señor. Sin embargo, para que se dé esto, es necesario que el ambiente quede “sencillo”, sin hacer de la amistad un “ídolo” comunitario, es decir forzado o artificial.

-Una tercera comunidad insiste en el sentido de que, en un monacato adaptado a la cultura de nuestro pueblo, las relaciones entre hermanos de una misma comunidad tendrían que ser menos protocolares y sin dar vueltas en el trato.

-Otra comunidad por fin nota que una verdadera amistad es un valor precioso para integrar las diferentes culturas entre los miembros de una misma comunidad.

III. *Juicios de valor*

1. Los juicios de valor pronunciados más o menos explícitamente por todos los informes, brotan como lógica consecuencia de los principios generales y de las experiencias relatadas. Todos relevan la importancia de la amistad. Pero...

2. ¿A qué nivel se sitúa esta importancia? Esta es la cuestión fundamental, porque es aquí donde se encuentran las diferencias de apreciación en una amplia gama de matices, como fue dicho al comienzo:

La amistad, en la formación humana y espiritual del monje:

Resumiendo

Lo que más cuenta en estos juicios de valor es una esperanza y una imagen que surge -aquí y allá- de un tipo de comunidad nueva, lugar activo del Espíritu, donde el amor de Dios quiere reflejarse y difundir la abundancia de sus dones, a quien quiere y como quiere, para el crecimiento de todo el cuerpo.

Este nuevo tipo de comunidad monástica -que no constituye ya una categoría de tipo sociológico, sino que va renovándose por la fe, la esperanza, la caridad y el proceso de conversión monástica- parece constituir un testimonio fuerte del amor de Dios para los hombres de hoy. Por ella se va dando en cada miembro la reconciliación con su pasado, los formadores encuentran la fuerza y la capacidad para ganar almas y todos se engendran mutuamente como amigos de Jesús.

ABECA

Hno. Luis Quince Henao

Monasterio de Sta. María de Medellín

En ABECA no intervinieron ni la mitad de los monasterios que hubieran podido, porque el tiempo fue muy limitado.

En términos generales surgió un problema casi común y corriente entre los monasterios que intervinieron: el problema de las distintas nacionalidades en una comunidad. Se habló y se discutió con los pro y los contra a medida que iban interviniendo los representantes de los monasterios. El latino se afirmó ser una persona sumamente amistosa, extraordinariamente afectiva y exageradamente hipersensible.

El representante de los extranjeros se queja de que falta comprensión y de que a veces llega hasta causarles una frustración todos los esfuerzos habidos y por haber que hacen y la renuncia que supuso venir a estas tierras. Un eminentísimo abad que también participó de las reuniones, afirma que existen incluso desacuerdos entre los miembros de una misma nacionalidad. Por último un gran aporte que hubo para solucionar esta problemática fue la intervención de un sacerdote que luego tomara la palabra. Propone como ejemplo, como terapia:

- A. El superior debe adoptar una actitud decisiva. Marca la importancia de los pequeños grupos que se forman dentro de la comunidad, sean nativos o extranjeros.
- B. Sugiere que se establezca una democracia práctica de la que tanto hablábamos ayer.
- C. Recomienda que seamos exageradamente abiertos, y que esto lo intenten no solamente dos o tres miembros de la comunidad donde debe reinar la apertura.
- D- Y por último, una oración super compartida.
- E- Información.
- F. Diálogo.
- G. Equilibrio de actividades.
- H. Tratar los problemas siempre en comunidad.